

IDENTIDADE DE SALVADOR: SIGNOS E VIDA COTIDIANA DA CIDADE BAIXA.

Isabele Costa Duplat¹

RESUMO: *O histórico bairro do Comércio apresenta-se com a sua funcionalidade alterada pelo tempo e pela descentralização comercial e financeira de Salvador. Lugar de personagens que se estabelecem nas ruas para o exercício de diversas atividades: amoladores de objetos, engraxates, comerciantes formais e informais, cadastrados ou não, uns perseguidos pela fiscalização da prefeitura, outros pela decadência do lugar, além da diminuição dos transeuntes e do poder aquisitivo destes. O projeto de Revitalização do Comércio, concebido pela Prefeitura Municipal de Salvador, tem como objetivo se contrapor ao processo de decadência do lugar, reanimando-o contra o esvaziamento de pessoas e de capital. A revitalização e a modernidade ameaçam os ritmos antigos para uma padronização globalizante, na qual, para que novas configurações se estabeleçam, indivíduos são conduzidos para um processo de ordenamento. Nessa proposta de um novo cenário urbano, existe a possibilidade da substituição da espontaneidade dos modos de ser da vida cotidiana da população, por um artificialismo produzido, padronizado, ameaçando a identidade do lugar por um ideal de vida urbana. A construção da identidade do bairro é feita a partir da memória daqueles que o vivenciam e para os quais o lugar lhes pertence, pois é onde o sentido da sua existência está inscrito e simbolizado; onde a expressão da identidade coletiva está exposta nos signos cotidianos da paisagem urbana.*

Palavras-chave: Identidade; Lugar; Revitalização.

1. INTRODUÇÃO

O bairro do Comércio, na cidade de Salvador, caracteriza-se como uma área predominantemente comercial, com milhares de pessoas vivendo a intensidade da vida produtiva em uma diversidade de funções, atividades e olhares. Cenário de um incrível contraste entre construções antigas e atuais, freqüente em cada rua e esquina, por vezes lado a lado, abrigando um intenso trânsito, tanto de carros, como de humanos que andam apressadamente entre prédios de diferentes épocas. Espaço de becos, praças, e mercados onde a cultura baiana se elabora no cotidiano, abrigando ritmos antigos que coexistem com atuais ideais urbanos. Lugar de personagens que se estabelecem nas ruas para o exercício de diversas atividades: amoladores de objetos, engraxates, comerciantes formais e informais, cadastrados ou não, uns perseguidos pela fiscalização da prefeitura, outros pela decadência do lugar, além da diminuição dos transeuntes e do poder aquisitivo destes.

O bairro do Comércio, sítio histórico de Salvador, apresenta-se em estado de abandono e decadência, tanto para as atividades comerciais lá exercidas, como para os casarões históricos e, até mesmo, prédios mais atuais. O legado arquitetônico encontra-se desprezado pelas autoridades que permitem que ele se desfaça pela ação do tempo e pela interferência dos comerciantes, que alteram com letreiros de lojas as fachadas dos casarões. O comércio formal encontra-se marginalizado pela falta de segurança e consumidores, o comércio informal, pela relocação para travessas de pouco movimento. A maioria dos imóveis possui apenas o andar térreo ocupado, o único empreendimento que parece não ter seu ritmo alterado pela decadência do bairro é o Porto, de onde guinchos são vistos em plena atividade, assim como transatlânticos ancorados. Os

¹ Graduanda Sociologia /Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA. isabeleduplat@hotmail.com. Orientador: Carlos Geraldo D'Andreia Espinheira, Professor Doutor em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/UFBA. geyespin@ufba.br.

personagens das ruas são comerciantes, possíveis consumidores de serviços ou comércio, trabalhadores do local, moradores das redondezas e da rua.

O Comércio de Salvador é o espaço para onde foram concebidas transformações, em virtude do Projeto de Revitalização da Prefeitura Municipal de Salvador com a cooperação da CODEBA, a Associação Comercial e o Governo do Estado da Bahia. O Projeto tem como objetivo desenvolver nesse sítio histórico as características perdidas ao longo dos últimos anos, suavizando a decadência dessa área da cidade, esvaziada comercialmente, mas de grande riqueza histórica e cultural, fazendo-a ressurgir como área residencial, com pólos de serviços, de educação e de tecnologia. Os pólos de serviço incluem a instalação de redes de hotéis e restaurantes no Porto, além da recuperação do casario histórico, a exemplo do Mercado do Ouro onde funcionará um Centro Gastronômico, revitalizando dessa forma equipamentos urbanos apropriados para o turismo. A necessidade de a revitalização preservar a identidade do lugar é argumentada por Espinheira (2004, p.02.):

A Preservação e a constituição da identidade de Salvador e da cultura baiana em sua configuração como *baianidade*, da maior importância para a configuração da identidade de um povo e da imagem de sua cidade, sobretudo no momento em que diversas tendências se manifestam, umas no sentido de preservação da identidade e das tradições; outras no sentido do enquadramento a uma padronização globalizante que faz igual lugares diferentes, no mundo em que a própria globalização exige a preservação das identidades para que os lugares sejam diferentes em espaços diferentes para que haja interesse em troca, em intercâmbio, fundamental, sobretudo, para o turismo.

AUGÉ (1994, p.71) diz que a presença do passado, que ultrapassa e reivindica o presente, é a essência da modernidade, que não apaga os ritmos antigos dos lugares, mas que os coloca em segundo plano. O lugar nunca é completamente apagado, ele representa um conjunto de elementos que coexistem dentro de uma certa ordem, com um sentido inscrito e simbolizado. Assim é o bairro do Comércio, cenário de acontecimentos e transformações históricas, passado que reivindica do presente a conservação daqueles que fornecem a sua identidade, visto que esta é construída a partir da memória de quem vivencia o *lugar* e para quem o *lugar* lhe pertence, pois é onde o sentido da sua existência está inscrito e simbolizado.

Tomando como exemplo o processo de revitalização destinado ao Pelourinho, onde, segundo Espinheira (2005, p.70):

O processo, ao longo do tempo, de incorporação dessa área da cidade à sua dinâmica econômica moderna elegeu o turismo cultural como prioridade e este, paradoxalmente, gerou efeitos perversos amplos e profundos, sendo o principal o próprio esvaziamento cultural e sua substituição por um conjunto de atividades: atores, dançarinos, músicos, cantores, bandas de percussão e blocos colocados em seu cenário colonial. [...] Em contrapartida sua população foi retirada, na forma de expulsão com indenizações medíocres, compulsórias. Bairro misto, comercial/residencial e boêmio, com uma tradição de lugar de prostituição.

Comparando a revitalização do Pelourinho com o Projeto de Revitalização do Comércio, estabelecemos a hipótese da supressão de suas autênticas manifestações culturais e dos personagens que construíram a identidade do lugar, para que assim se instalem modificações voltadas para um comércio e turismo, que podem suprimir a autenticidade da vida cotidiana da população. Um dos efeitos paradoxais dos investimentos de recuperação de áreas de valor

histórico e cultural é o fenômeno da exclusão, visto que os problemas sociais das populações das áreas revitalizadas não são resolvidos, mas camuflados com a expulsão desses. Aqueles que povoam, trabalham e sobrevivem no Comércio devem ser vistos como possíveis agentes do próprio processo de revitalização da vida urbana dessa localidade, e não como resíduos que devem ser ordenados ou expelidos, para que novas configurações se estabeleçam de acordo com um ideal global de vida urbana.

2. ANTIGOS MERCADOS: ABASTECIMENTO, COMIDAS E TURISMO.

Remanescentes do final do século XIX, o Mercado Modelo e o Mercado do Ouro são os antigos centros de abastecimento de Salvador localizados no bairro do Comércio. Fruto do crescimento da cidade, eles guardam principalmente a tradição das comidas típicas baianas, e também histórias de um tempo em que não existiam shopping centers, nem redes de supermercados, e que o abastecimento de alimentos era feito em feiras e mercados populares. Nessa época, os mercados ofereciam, além de gêneros de primeira necessidade, amostras da cultura popular como rodas de capoeira e de samba.

O Mercado Modelo acumulava em sua origem as funções de entreposto comercial e agência informal de recados, notícias e empréstimos, sendo atualmente um dos principais pontos turísticos da cidade, onde se realiza a venda de artesanato e lembranças da Bahia. No Mercado do Ouro, único em Salvador a guardar características espaciais típicas dos mercados do século XIX, a situação encontrada é o do abandono. Até maio de 2005, antes da demolição da sua parte interna, encontrávamos um espaço sub-utilizado, com poucos pontos comerciais, entretanto, o velho costume dos mercados populares de oferecer comida boa e típica para seus frequentadores permanece em ambos.

Em cima do arco de entrada do Mercado Modelo, há uma inscrição: “No reinado de D. Pedro II, este edifício da alfândega, o qual foi concluído no ano de 1861”, registrando assim o ano da conclusão do edifício que abrigou o mercado popular após um incêndio. Por dentro, o Mercado é horizontalmente dividido por ruas que recebem nomes de antigos comerciantes do local. Tantos nos stands internos como nos externos, estão à venda roupas com figuras que representam a cultura popular da Bahia, berimbau, artesanato, pimentas, doces e panos rendados. Além dos seus escuros e alagados porões, o Mercado abriga um restaurante que oferece culinária internacional no andar superior e outro, na parte térrea, voltado para a Baía de Todos os Santos, onde acontece uma freqüente Roda de Capoeira.

Sobre a dinâmica do bar do térreo, descobrimos, através de conversas informais, que acontecia as duas baianas de acarajé competirem entre si e diferenciarem os preços para os turistas, sendo que numa dessas vezes o caso foi levada à administração. Na vida cotidiana do Mercado, três câmeras fazem a vigilância para evitar transtornos aos turistas, que também contam com seguranças identificados pela função de “Orientação e Apoio aos turistas”. Existe um custo para quem pretende fotografar a Roda de Capoeira que acontece no local, onde o jogo e a música às vezes de ladainha irreconhecível não demonstravam tanto empenho.

No interior do Mercado Modelo, onde os corredores recebem nomes de antigos comerciantes, percebemos uma diferença dos outros stands a partir das *ruas Seu Leopoldo e Seu Américo*. Lá estão localizados pequenos boxes com comidas típicas e bebidas como cerveja e cachaça, fazendo assim sobreviver um pouco do passado desse Mercado, vítima de dois incêndios, que, além de alterar o seu caráter de centro de abastecimento, reduziu o espaço para experiências éticas e gustativas, típicas de mercados populares.

No Mercado do Ouro, percebe-se um espaço sub-utilizado, com poucos pontos comerciais a exemplo da Restaurante do Juarez, a Casa do Ouro e dois botecos. O antigo mercado

assemelha-se a uma vila, com pequenas casas e um espaço central marcado por uma antiga fonte pública. O Casario mal conservado do local abriga interferências modernas como grafites e pixações. O Mercado do Ouro foi construído em 1879, por Francisco Amado da Silva Bahia. Nessa época o mar chegava até as escadarias do mercado, que se chamava Cais Dourado, nas imediações da atual Praça Marechal Deodoro. No ano de 1912, um aterro afastou o mar do mercado, impedindo que os saveiros atracassem em sua porta.

Local marcado pela venda de cereais, farinha do recôncavo, peixes, além das barracas de almoço, conseguiu conservar sua tradição até meados dos anos 70, quando começou a ocorrer um esvaziamento, por conta da descentralização comercial proporcionada pela concorrência com os shoppings centers e redes de supermercado. Remanescentes dessa época são os estabelecimentos: Restaurante do Juarez e a Casa do Ouro.

O comerciante Juarez conta que, na época em que abriu o restaurante, o movimento era intenso, com todos os boxes em funcionamento e várias barracas que serviam almoço. Segundo ele, a situação de decadência que assolou o bairro do Comércio, nas últimas décadas, não afetou o seu empreendimento, que mantém constante a sua clientela composta por trabalhadores do local, a maioria de gravatas e ternos à mão, segundo ele da classe média para cima. Entretanto, alguns clientes são pessoas de outros lugares, que vêm para o Comércio apenas para experimentar o Filé do Juarez.

Outro sobrevivente dos bons tempos do Mercado do Ouro é a Casa do Ouro, onde há 32 anos a comerciante Valdinete vende especiarias, velas e incensos. Produtos importados, com procedência e qualidade comprovada pelas notas fiscais: canela da Indonésia, boldo do Chile, chá preto da Argentina, cominho da Índia, etc. O argumento da comerciante para a venda de produtos importados é que a produção nacional é destinada para a exportação, resultando na venda interna de produtos de baixa qualidade, não adequada para os restaurantes para os quais a Casa do Ouro fornece condimentos.

Espectadora das transformações ocorridas no bairro e no Mercado do Ouro, Valdinete foi avisada com um mês de antecedência que teria que abandonar a sua loja por conta do processo de restauração que ia se iniciar para abrigar a edição 2005 da Casa Cor. Entretanto, ela não foi convidada para permanecer com sua loja após essa restauração, perdendo assim o ponto comercial que há 32 anos sustenta sua família e abriga memórias do seu passado. No penúltimo dia do mês de maio, a área interna do Mercado que abriga boxes construídos no século XX foi demolida para o início das obras. No dia 31 de maio, na capa do jornal A Tarde, vemos a imagem da demolição e da exclusão de quem resistiu no lugar, e que não foi incluída no novo empreendimento proposto para o Mercado do Ouro.

Na coluna Espaço do Leitor, do Jornal A TARDE de 07.06.05, uma leitora registra na carta *Mais que quiosque abandonados*: "... existia também uma lojinha, Rosa do Ouro, que comercializava especiarias e condimentos diversos [...] Estar ali era como voltar ao passado, embrulhá-lo em papel e enlaçá-lo com o fio de barbante, mantendo-o devidamente aquecido!" Conclui a missivista ao jornal a saída da comerciante e o vazio de sua ausência.

Segundo a assessora do Escritório de Revitalização, o Mercado do Ouro será transformado em um Centro Gastronômico. O Restaurante do Juarez permanecerá no local, sendo apenas re-localizado para a parte externa enquanto as obras não são concluídas. Apesar da exclusão da comerciante Valdinete, a nova funcionalidade proposta para o local corresponde com a tradição dos mercados populares de oferecer um espaço gustativo aos seus frequentadores. Segundo Juarez, a antiga clientela era de "[...] o povo vinham comprar coisas, não era pra negocio de luxo. O povo vinha se abastecer na Praça Marechal Deodoro, Mercado do Ouro". Mas quem serão os novos frequentadores do Mercado do Ouro depois dessa mudança? Existe um risco de elitização da clientela do local?

3. REVITALIZAÇÃO E ORDENAMENTO DA TRADIÇÃO.

Além de visar a valorização e potencialização dos elementos históricos e morfológicos do bairro, umas das características do Projeto de Revitalização do Comércio é o ordenamento de ambulantes e vendedores de diversas categorias, para que, assim calçadas, estejam desimpedidas para a circulação de pessoas. Na intensidade da vida produtiva do Comércio, percebe-se, transitando pelas ruas, vendedores informais, os ambulantes, que transgridem o ordenamento proposto pela Secretaria Municipal de Serviços Públicos², que realocizou o comércio informal para travessas e becos. Além deles, povoam também as ruas barracas de frutas e prestadores de serviço como engraxates e amoladores de objetos.

Dispersos nas ruas, esses trabalhadores disponibilizaram suas experiências com a fiscalização da Prefeitura Municipal. Aqueles que não possuem a licença para a continuidade das suas atividades, enfrentam o inconveniente do *rapa*, equipe da prefeitura que fiscaliza os ambulantes, por vezes apreendendo as mercadorias. Além de vendedores, o que inclui as tradicionais barracas de frutas, estão também no alvo da fiscalização os amoladores de objetos que há duas décadas têm como ponto comercial a calçada do prédio dos Correios, na Av. Estados Unidos, e os engraxates, distribuídos pelas ruas.

Na Rua Riachuelo, para onde os comerciantes informais foram realocizados pelo ordenamento proposto pela prefeitura, percebemos um esvaziamento dos stands, além do mau cheiro provocado pelo lixo presente no chão e pela utilização do espaço como sanitário público. Segundo os comerciantes, quando o trabalho era realizado em frente ao Plano Inclinado, o movimento de vendas era muito melhor que na Rua Riachuelo, visto que o trânsito de pessoas no atual local é reduzido, diminuindo o número de clientes ocasionais. Mesmo não aprovando o ordenamento do comércio informal por conta dos prejuízos nas vendas, eles admitem que os ambulantes não são muito organizados, deixando as ruas sujas.

Na Av. Estados Unidos, encontra-se, trabalhando na calçada do prédio dos Correios, um grupo de amoladores. Sentados em bancos de madeira que comportam o amolador de objetos, eles cobram pelo serviço o valor de R\$2,50. O primeiro profissional com o qual tivemos contato foi Jailson, que, desde que ficou desempregado, enveredou-se pelo ofício de amolador, totalizando 14 anos de trabalho. Emerson, que trabalha lá há 11 anos, é filho de seu Tiotônio, protagonista da atividade no local e ainda em exercício 22 anos depois.

O medieval ofício de amolador de objetos foi transmitido por seu Tiotônio para seu irmão e para dois dos seus filhos, que até hoje exercem a atividade no Comércio. Entretanto, o prestígio da profissão não impediu que o grupo fosse coagido pela fiscalização da gestão passada da prefeitura, até que conseguissem uma licença para voltar a trabalhar no local. Na opinião dos amoladores, eles se diferem dos ambulantes por não estarem vendendo produtos, e sim oferecendo um serviço. Portanto deve haver uma diferenciação do ordenamento proposto pela Prefeitura Municipal para comerciantes informais e para amoladores.

Diferenciação válida também para os engraxates, na sua maioria de idade mais avançada, que tradicionalmente engraxam os sapatos dos trabalhadores da região, a exemplo do Sr José, que trabalha na esquina da Rua da Bélgica com a Avenida Miguel Calmon. Ele nos contou que a princípio era lavador de carros, até que pela observação aprendeu o ofício de engraxate e seguiu essa profissão até hoje, contabilizando quarenta anos de trabalho. Como trabalhador informal, o Sr. José nos conta que conseguiu a licença para o trabalho através de um incentivo destinado à

² Planejar, administrar e fiscalizar o comércio em vias e logradouros públicos, de serviços de iluminação pública, a limpeza urbana, a proteção estética da cidade e as atividades relacionadas com mercados, feiras livres, cemitérios e serviços funerários, bem como a defesa do consumidor e o salvamento marítimo.

profissão de engraxate. Foi também observada a presença de jovens engraxates em outras ruas do Comércio.

Na mesma esquina em que trabalha o Sr. José, localizamos um vendedor de tesouros sem valor, uma verdadeira fortuna exposta em uma tosca mesa de tábuas. O Sr. Candido é o responsável pela venda de antigas moedas e cédulas, nacionais e internacionais, tendo a moeda mais antiga do século XVIII. Trabalhando há algumas décadas, na mesma esquina do Comércio, o Sr. Candido compra seus tesouros daqueles que aparecem, para assim revender inclusive a turistas. Questionado se tinha problemas com a fiscalização da prefeitura, contou-nos que, na gestão passada, foi constantemente ameaçado de perder o direito de realizar o seu ofício naquela esquina. Prontificou-se então a solucionar o seu problema através da burocracia municipal, munido de uma reportagem em que era contada a sua história como comerciante de antiguidades monetárias. O prestígio da entrevista lhe possibilitou a continuidade do ponto e a permissão necessária para a realização do seu ofício.

Segundo a assessora do Escritório de Revitalização, o ordenamento de amoladores de objetos e engraxates ainda não está previsto, isso viria a ocorrer apenas se fosse constatado que esses trabalhadores estão atrapalhando a circulação de pessoas nas calçadas em que se localizam. A possibilidade de realocação desses tradicionais trabalhadores quando comparada com a presente situação dos ambulantes inseridos no processo de ordenamento, provoca a suposição de prejuízos, visto a diminuição de visibilidade dos novos pontos comerciais propostos. E aprofundando a análise, a consequência do ordenamento da tradição, essência da modernidade que coloca em segundo plano ritmos antigos, esvazia assim a identidade do bairro por não perceber esses agentes da tradição como resíduos, que devem ser ordenados ou expelidos, para que novas configurações se estabeleçam.

4. CONCLUSÃO

As transformações que, a partir de 1970, descentralizaram para os bairros e avenidas de vale as funções comerciais e de serviços da cidade de Salvador, ocasionaram o esvaziamento do bairro do Comércio que não conseguiu suportar o trânsito e oferecer estacionamentos em número apropriado. Aos poucos, uma decadência progressiva e ameaçadora se iniciou nesse antigo local que concentrava atividades comerciais, portuárias, ferroviárias, industrial, a exemplo do Moinho, centro financeiro e de abastecimento que acontecia em trapiches, mercados e feiras populares. Para integrá-lo à renovação urbana, o Projeto de Revitalização do Comércio pretende explorar as suas potencialidades com incentivos fiscais para a implantação de empreendimentos privados, ordenamento do comércio informal e de prestadores de serviço, além da recuperação do casario histórico e de mercados populares.

A Cultura baiana, presente nas atividades que resistiram no bairro do Comércio, expressa-se através da memória daqueles que o vivenciam e para os quais o lugar engendra um sentimento de pertença, personagens estabelecidos ou desafortunados, emergentes ou resistentes, vitimados pelo processo de ordenamento e enquadramento em padrões globais de urbanização. A consequência do ordenamento da tradição seria a domesticação da cultura, fragilizada pelo esvaziamento da identidade coletiva do lugar.

As populações e configurações cotidianas devem ser inseridas como parte integrante do Projeto de Revitalização do Comércio, e não como resíduos que devem ser expelidos ou ordenados para que novas configurações se estabeleçam de acordo com um ideal de padrão urbano. De lugar identitário e apropriado por aqueles que o povoam, o esvaziamento da identidade coletiva do bairro do Comércio ameaça o seu passado como um cenário da histórica cultura baiana. O *não-lugar* é apenas uma paisagem, sem identidade nem relação com a sua

história pessoal, espaço onde a sua individualidade será esvaziada. O Projeto de Revitalização do Comércio não pode desfazer a sua história e identidade que, além de estar contida no casario e atividades comerciais e portuárias, encontra-se naqueles que presenciaram os efeitos do tempo e as modificações da cidade impostas no bairro. “Na coexistência dos lugares e não-lugares, o obstáculo será sempre político”.

5. REFERÊNCIAS

ESPINHEIRA, Gey. El patrimonio como cenário na domesticación de da cultura. Coméntarios ao Dossier de Iconos 20. Íconos. Revista de Ciencias Sociales. Num. 21. Quito, enero 2005. pp. 69-77. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales de Ecuador.

ESPINHEIRA, Gey. Identidades de Salvador: signos e vida cotidiana da Cidade Baixa. Salvador: UFBA/ PIBIC, 2004, p.02.

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não lugares. In: Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 71-105.

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. Requalificação urbana e cultural da cidade. Trad. Mattos Viola. Salvador: Faculdade de arquitetura da UFBA, 2003. 228p.

DA MATTA. Roberto. Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: A Casa e a Rua. Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p25-54.